

Chegamos a nossa oitava edição com muita alegria e novidade. Contos, brincadeiras e histórias continuam sendo A Ponte neste caminho. E por mais que seja de uma forma virtual... quanto amor, felicidade, natureza e fraternidade nos acompanham transpassando a tela. Gratidão famílias!

O solstício de inverno está chegando, o dia fica mais curto e a noite mais longa. O frio está batendo a porta. E o que isso representa no nosso interior, na nossa individualidade? Que nos faz sentir?

Chegou o momento de nos aquecer, mas um calor que vem de dentro para fora, procurando a chama no íntimo do ser, alma e coração.

Aproveitemos este momento onde tudo parece tão escuro e triste e transformemo-lo em uma fogueira de amor. Nunca estivermos tão perto da nossa família, dos nossos filhos em união plena, física e espiritual. Olhemos para eles e vejamos quanto eles são gratos de ter seus pais junto, em casa. Sintamos este novo momento.

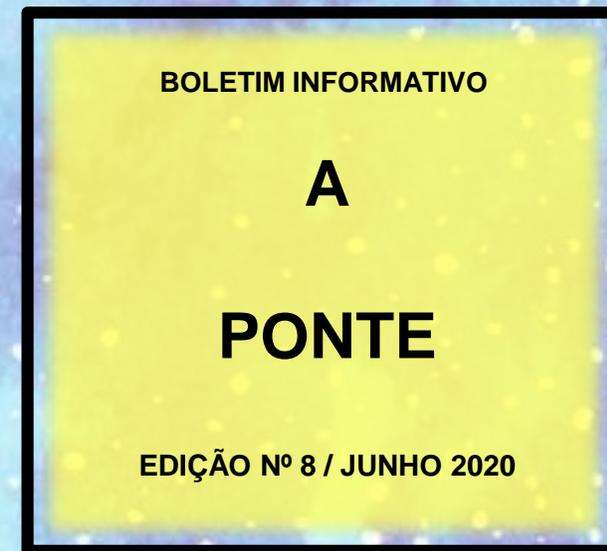
Nesta edição a chama está bem forte, presente e pronta para começar a aquecer a esperança, a fortaleza e a integridade em comunidade.

A ‘Menina da Lanterna’ e o ‘São João’ são as festividades que trazem tudo isso para o nosso lar. Consagremos este momento para nos conectar com a oitava edição e poder transmitir para as crianças a alegria, o amor e uma nova época do ano, o inverno.

Força, a chama está dentro de nós. Só precisamos, como a ‘Menina da Lanterna’, caminhar em direção ao verdadeiro, ao interior doando esse tempo com amor e esperança, para logo ascender e transcender essa chama no coração dos outros.

Feliz solstício de inverno.

Estamos juntos, Maria Sol.



Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
colhidos no mais íntimo de mim...
Suas palavras seriam as mais simples do mundo,
porém não sei que luz as iluminaria
que terias de fechar teus olhos para as ouvir...
Sim! Uma luz que viria de dentro delas,
como essa que acende inesperadas cores
nas lanternas chinesas de papel!
Trago-te palavras, apenas... e que estão escritas
do lado de fora do papel...
Não sei, eu nunca soube o que dizer-te
e este poema vai morrendo, ardente e puro,
ao vento da poesia...
como uma pobre lanterna que incendiou!

Mário Quintana



A Menina da Lanterna e a Busca da Individualidade Consciente

Por Roberta Pereira / professora do jardim

Existe uma tradição nas Escolas Waldorf. Nas comemorações de São João dos Jardins de Infância, pais e professores se unem com o lindo propósito de criar uma festa para as crianças, envolvendo e aquecendo toda a comunidade escolar.

Cada local tem sua personalidade cultural para as festas que marcam o final do primeiro semestre do ano, contudo algo une todos as escolas: O Teatro da Menina da Lanterna e o Passeio da Lanterna. E nesse texto vamos realizar uma breve interpretação dos simbolismos que estão por trás do enredo desse teatro.

Antes, porém, é preciso lembrar que a análise do que está por trás dos contos é um trabalho do adulto, para que sua ação diante da criança seja munida de significado e entendimento. A história atua nas crianças por meio do sentimento que não precisa da compreensão cognitiva para apreender de forma genuína a significância dos símbolos abordados nos contos. Porém quando a história é contada por alguém que tem consciência de tudo que está nas entrelinhas, isso gera um efeito intenso na receptividade da criança.

Temos a história de uma menina que estava passeando pela floresta escura com uma pequena luz que mantinha acesa a chama da sua lanterna. Sopra um vento muito forte e apaga esse fogo. A menina inicia sua busca por alguém ou algo que possa ajudá-la a reascender sua luz.

Alguém passeando por uma floresta escura pode nos remeter a um ser humano que caminha pela vida buscando se entender, a floresta em muitos contos simboliza nosso interior (o mundo que existe dentro de cada um de nós e interage com o exterior). A luz da lanterna é a nossa essência, e o vento são os abalos fora do nosso controle que por vezes apagam nossa essência.

Em busca de reascender sua luz, a menina encontra primeiramente com três animais (o ouriço, o urso e a raposa), esses lhes dão respostas rápidas e logo a afugentam dizendo-lhe que não podem ajudar e que estão sendo atrapalhados por ela.

Vendo que não encontrou solução para o seu problema, a menina senta numa pedra e chora, quando ouve das estrelas um conselho: “pergunte ao Sol, ele saberá te ajudar”.

A pedra pode representar nosso corpo físico, que é o primeiro a reclamar e apontar os sinais de que nossa essência foi apagada, nossa alma está com fome e os sentidos vitais enfraquecidos. As estrelas são a representação do mundo espiritual e da ajuda sempre presente nele. A conexão com o espírito nos dá força e coragem para seguir nosso caminho com mais confiança e consciência.

A menina continua sua jornada, dessa vez consciente do que está buscando, não procura mais qualquer ajuda, o foco agora é encontrar o Sol, pois sabe que ele poderá lhe ajudar. No caminho encontra uma velhinha fiandeira e um sapateiro que estão a trabalhar e trabalhar, sem tempo para ajudar, mas dispostos a oferecer um local para a menina repousar. Ela também passa por uma criança brincando com sua bola, tão distraída que não lhe dá ouvidos nem atenção.

Temos aqui três figuras humanas; nessa parte da história a menina além de perguntar onde pode encontrar o Sol ela também os convida para ir junto com ela em seu caminho. Muitos símbolos arquetípicos podem surgir ao observar essas três figuras. Aqui vamos nos ater as três principais atividades anímicas humanas: o pensar, o sentir e o querer.

A velha fiandeira representa o pensar frio e inorgânico, que tece seus fios em sua roca sem parar. O sapateiro, o fazer mecânico, que trabalha em seus sapatos sem pensar. A criança com a bola, o sentir vazio, que pela falta da essência age por impulso sem se importar com nada do que estar ao seu redor.





A menina passa por todos e segue seu destino, adormecendo, ao chegar no alto da montanha tendo a luz da sua lanterna ascendida pelo Sol. O Sol é a representação do Cristo, do Espírito do Amor e das Virtudes que nos levam ao caminho da Verdade e da nossa Essência. E o sono é o trabalho que nos liga ao mundo espiritual. É durante o sono que levamos aos espíritos mais elevados o que realizamos na matéria, e ao acordar trazemos de lá o que nos é ofertado para aqui realizarmos nossas tarefas.

Por fim, ao ter a luz da sua lanterna acesa, a menina volta a encontrar todos aqueles que passaram pelo seu caminho, todos estavam sem sua chama acesa. A menina, amorosamente, ascende a chama de todos com a luz que recebeu do mundo espiritual.



O sentimento de confiança da Menina da Lanterna ao trilhar o seu caminho, ainda que sozinha, revela muito da nossa jornada nesse planeta. Ao longo da nossa vida somos abençoadas (os) com muitos encontros em que partilhamos algo do nosso ser. Tendo a oportunidade de dar e receber, equilibrando as nossas vivências internas e externas. No encontro com o outro descobrimos afetos, abrigo, rejeições ou conflitos, mas acima de tudo somos capazes de aprender a nos relacionar. Apesar de termos muitas relações na vida o elo entre todas é a participação efetiva da nossa própria individualidade, pois nosso caminho só pode ser trilhado por nós mesmas (os). E cada vez que tomamos mais consciência e responsabilidade pelos nossos passos podemos expressar no mundo a nossa verdadeira essência.

ESPAÇO DAS BRINCADEIRAS – MATERNAL

Vamos brincar com as parlendas?!?

Relembrar da nossa infância... aproveitar a época de São João e começar a vivenciar com as crianças, as brincadeiras que faziam parte da nossa rotina.

As parlendas são transmitidas oralmente de geração em geração, e fazem parte da literatura popular oral e do folclore brasileiro.

São versos infantis com rimas criados para as mais diferentes finalidades, entre elas divertir, acalmar, ao mesmo tempo que trabalham com a atenção ao ouvir, o interesse, a memorização.

Esta brincadeira pode ser realizada nos mais variados tempos e lugares... com sol, com chuva, na varanda ou no quintal pode sair um belo recital!!!

O adulto declama o verso repetindo várias vezes para que a criança conheça, e depois começam a recitar juntos. Pode-se diversificar a brincadeira sugerindo falar depressa, devagar, mais baixo, mais alto e utilizando gestos. Bem como as parlendas podem acompanhar quando estiverem fazendo outra tarefa.

Trouxemos algumas parlendas populares, assim como as que estiverem guardadas na sua memória também serão bem-vindas.

"Subi na roseira, quebrou
um galho
segura (**nome da criança**)
senão eu caio."

"Corre cutia, na casa da tia.
Corre cipó, na casa da avó.
Lencinho na mão, caiu no
chão.
Moça bonita, do meu
coração...
Um, dois, três!"

"Dedo mindinho, seu
vizinho, pai de todos,
fura bolo, mata
piolho."

"A casinha da vovó
trançadinha de cipó; se o
café está demorando
com certeza falta pó. "

"Galinha choca, comeu
minhoca, saiu pulando,
que nem pipoca."

Uni, duni, tê, Salamê,
mingüê, um sorvete
colorê...
O escolhido foi você!"

"Está com frio?
Toma banho no rio.
Está com calor?
Toma banho de
regador."

"Era uma vez,
Um gato xadrez.
Pulou no telhado,
Desceu assustado.
Pegou uma flor e
Jogou para vocês. "

Uma pulga na balança
deu um pulo e foi à
França, os cavalos a
correr, os meninos a
brincar, vamos ver quem
vai pegar. "

"João corta o pão,
Maria mexe o angu,
Teresa põe a mesa,
para a festa do Tatu. "

"Um, dois, feijão com
arroz. Três, quatro,
feijão no prato. Cinco,
seis, falar inglês.
Sete, oito, comer
biscoito. Nove, dez,
comer pastéis."

"A abelha trabalha,
Todo dia faz mel.
Voa livre e ligeira,
Pelo azul do céu".

"Batatinha quando nasce,
Se esparrama pelo chão,
Mamãezinha quando
dorme,
Põe a mão no coração."

"Formiga bem ligeira,
Leva folhas para o seu lar,
Borboleta sua amiga,
Está pronta para ajudar. "

ESPAÇO DAS BRINCADEIRAS –

JARDIM

É São João! E das brincadeiras que encontramos nas quermesses, a Pescaria é uma das mais comuns.

É possível fazer essa brincadeira em casa, com materiais que provavelmente já temos na nossa cozinha. Para fazer essa brincadeira vamos precisar de:

- Uma bacia grande com água; - Tampinhas de plástico; - Uma peneira pequena.

Para brincar é simples:

- Colocar a bacia com água em cima de uma mesa e deixar que as tampinhas fiquem boiando.
- A peneira vai ser usada como a vara de pescar. Para que se torne mais desafiador, experimente pegar um graveto e amarrar na ponta da peneira para que ela fique com o cabo maior.
- Cada participante irá pegar o máximo de tampinhas que conseguir com três tentativas. Após todas as suas tentativas, as tampinhas são colocadas de volta na bacia para que o outro brincante possa pescar.



Agora seguem algumas dicas no momento de brincar com a criança:

- Não é necessário haver ganhadores e perdedores nesse momento, é importante que se crie um ambiente de que cada um pode superar seus próprios recordes, não o dos outros.
- Procure não zombar da criança, trazendo frases como: “iiiih você não conseguiu, rá, rá, rá”. É possível usar afirmações como: “eu tenho certeza que você consegue da próxima vez” sem necessariamente usar um tom de pena ou dó pelo fato da criança não ter conseguido. É possível ter um tom brincalhão e divertido sendo otimista, sem a necessidade de zombar.
- Não diminua sua competência para deixar a criança vencer ou conseguir mais do que você. Ela percebe que você pode mais e que está se diminuindo para ela ser maior. Esse tipo de comportamento pode gerar na criança um sentimento de que ela é incapaz, ou que na vida as pessoas serão menos para que ela seja mais. Lembre-se de que é uma brincadeira e não uma competição e cada um está ali para superar suas próprias forças e capacidades.



HISTÓRIAS –
ALIMENTO DA ALMA

A Árvore das Crianças

MATERNAL



Conto de Ursula Wolfel por Karin E. Stasch do livro "Conte Outra Vez" -
Contos Rítmicos (Volume II) – Editora Fernando Bilah - 2007.

Certa vez uma pequena menina ganhou um balão amarelo, mas o
vento arrancou-o de sua mão.

- Pare, pare! – Gritou a menina. E a árvore segurou o balão.

A pequena menina subiu num banco, e do banco subiu na árvore, e
segurou o balão com as duas mãos.

- Desça! – Chamaram as outras crianças.

Mas a pequena menina respondeu:

- Não consigo, tenho que segurar o balão!

Então um menino subiu na árvore.

- Agora desçam! Chamaram as crianças.

Mas o menino respondeu:

- Não consigo, tenho que segurar a pequena menina e a pequena
menina tem que segurar o balão!

Então uma menina grande subiu na árvore.

Desçam agora! Chamaram as outras crianças.

Mas a menina grande respondeu:

- Não consigo, tenho que segurar o menino, e o menino tem que
segurar a pequena menina e a pequena menina tem que segurar o
balão!

Então um menino grande subiu na árvore. Primeiro ele pegou o balão
e desceu da árvore.

Depois desceu a menina grande. Depois desceu o menino e por fim
desceu a pequena menina que ficou muito contente por ter seu balão
amarelo de volta.

História da Juliana

JARDIM

(Silvia Jensen)

Era uma vez uma menina chamada Juliana. Ela morava com seu pai e sua mãe numa casinha perto da floresta. Juliana tinha muitos amiguinhos e muitos brinquedos. O seu brinquedo preferido era um lindo balão azul. Ela o levava para o quintal e jogava o balão para cima e ele caía para baixo; jogava para cima e ele caía para baixo.

Mas certo dia veio o vento sul, que havia comido muito e por isso estava muito forte e levou o balão da Juliana lá para cima, no céu.

Enquanto o balãozinho subia, os passarinhos cantavam:

“Sobe, sobe, balãozinho

Balãozinho multicolor

Vai ser mais uma estrelinha

A alegrar Nosso Senhor”

E Juliana viu seu balão subindo, subindo, e este balão tinha um brilho especial que irradiava do coração de Juliana. Todas as noites ela olhava pela janela do seu quarto e o balão piscava lá no céu. No fundo do seu coração, Juliana sentia saudades do seu balão azul.

Certo dia, ela foi passear na floresta e encontrou um anãozinho de touca vermelha que trabalhava: toc, toc, toc!

Juliana chegou perto dele e perguntou:

- Anãozinho, você acha que meu lindo balão azul vai voltar um dia?

- Ah, espere a noite mais longa do ano chegar, e ela lhe trará uma surpresa!

Juliana correu para casa e perguntou à sua mãe, quando seria a noite mais longa do ano. E sua mãe respondeu:

- Espere os dias ficarem mais frios, as noites mais longas e o céu mais estrelado, e quando os anões acenderem sua fogueira lá na montanha, esta então será a noite mais longa do ano, a noite de São João.

Juliana olhava todas as noites pela janela para ver se os anões haviam acendido a grande fogueira, e nada acontecia.

Certa manhã Juliana acordou sentindo muito frio, vestiu casaco de lã, meia, luva, gorro e quando a noite chegou, o céu estava todo estrelado e lá longe ela avistou uma pequena chama, lá na montanha dos anõezinhos. Ela apurou bem seus ouvidos e escutou:

“Sobem as chamas,
Sobem as chamas
Mais alto, mais alto,
Iluminam e alegram
Nossas vidas, nossas almas”

E lá do alto do céu ela viu algo brilhante descendo, e os passarinhos cantavam:

“Cai, cai balão, cai, cai, balão,
Na rua do sabão.

Não cai não, não cai não, não cai não,

Cai na mão da Juliana”

Juliana levantou suas mãos para cima e o balão caiu em suas mãozinhas. Dentro dele havia um pozinho brilhante, era o pozinho das estrelas, e quem nele tocasse ficaria conhecendo a alegria de nosso Senhor. E Juliana, muito bondosa, deu um pouquinho do pozinho para seus amiguinhos, para os anõezinhos e para todos os bichinhos que estavam ao seu redor.



VIVÊNCIAS E SENTIDOS –
O ESPAÇO DA NOSSA COMUNIDADE



Nosso encontro com a pedagogia Waldorf foi antes de ter filhos, em grupos de autoconhecimento ouvi falar no assunto e começamos a pesquisar, ficamos encantados com a ideia de respeitar o tempo de ser criança e sua individualidade.

Em 2016, nossa filha Sofia tinha 6 meses e levamos ela em um médico antroposófico que nos falou da iniciativa que estava surgindo em Porto Belo para a construção de uma escola Waldorf. Entrei em contato e começamos a participar de algumas palestras e eventos, mas devido algumas mudanças na nossa rotina não foi possível continuar, segui acompanhando toda a evolução da construção da escola via redes sociais e sonhando o dia em que Sofia começaria frequentar a escola.

Em março de 2019 com 3 anos ela começou a participar do Jardim Waldorf Bela Vista, e nós estávamos com a segunda filha Alice de 3 meses, desde então nossa família teve um grande aprendizado em vários aspectos.

Em março de 2020, Alice com 1 ano e 3 meses e nós com a certeza que esse seria o melhor lugar para ela também. Hoje nossas duas filhas estão participando do Jardim Waldorf Bela Vista e juntos seguimos muito felizes e gratos pela oportunidade.

♥Ricardo José da Silva Miranda ♥Viviane Thaís Dressler ♥ Sofia Dressler
Miranda ♥ Alice Dressler Miranda

